

**«A TÉCNICA DE “HISTÓRIA AO VIVO”  
A REALIZAÇÃO DE UMA FEIRA MEDIEVAL NO LINDOSO  
(Didáticas e Metodologias de Ensino)**

**Maria Glória Parra Santos Solé  
Instituto de Estudos da Criança- Universidade do Minho**

## **1- A Introdução da História ao Vivo em Portugal**

Pretende-se com esta comunicação divulgar a técnica de “História ao Vivo”, demonstrar as suas potencialidades no processo ensino-aprendizagem, através da concretização de um projecto “Uma Feira Medieval no Lindoso”, realizado no dia 1 de Julho pela Escola Profissional dos Arcos de Valdevez, Parque Nacional da Peneda-Gerês, com a colaboração da Câmara Municipal de Ponte da Barca e da Junta de Freguesia do Lindoso.

Numa primeira abordagem procurámos definir esta técnica de “História ao Vivo”, que têm vindo a dar os seus passos em Portugal, a partir da década de 80.

A “Living History” foi iniciada com maior sucesso em Inglaterra pelo Departamento «The Historic Buildings and Monuments Commission for England» em 1979, que promoveu dois programas para as escolas de Suffolk: o projecto de reconstituição de *Havening Hall*, mansão do século XVIII, da época georgiana (bem conservada), no interior de Suffolk, onde uma multidão de criados serve o proprietário e a sua família; seguindo-se o projecto do Castelo de Oxford (quase em ruínas), situado no litoral do mesmo condado, que em 1173 tem à sua volta um enxame de artesãos que o vai «construir»<sup>1</sup>.

Os projectos de “Living History”, orientados por Patrick Redsell, tiveram eco também no Brasil, tendo sido esta técnica posta à prova em Massangana – «Um dia no engenho».

Em Portugal, a Associação Portuguesa de Museologia – APOM-, conhecedora destes projectos de “Living History”, e apoiada pelo Instituto Britânico em Portugal, convidou os técnicos ingleses Patrick Redsell – dramaturgo, Stephen Wolfendem – fotógrafo e Michael Corbishey – pedagogo, e ainda a conservadora brasileira Lurdes Horta Barreto para participarem no Colóquio APOM de 1986, que teve lugar em Faro. Deste colóquio e do que se lhe seguiu em 1987, foram elaborados um conjunto de catálogos com a descrição de vários projectos a serem postos em prática em Faro, no Funchal, em Setúbal e em Lisboa<sup>2</sup>. Foram apresentados os seguintes projectos:

«NÓS E OS ROMANOS», onde se propôs a reconstituição de um dia na vida dos Senhores da «Villa» romana de Milreu, incluindo uma manhã completa nas termas, a actividade dentro e fora da casa chamando a atenção para o ambiente social, económico e cultural da época<sup>3</sup>.

«O PALÁCIO DE ESTOI», propondo-se reviver a inauguração dos Jardins do Palácio em Maio de 1903.

---

<sup>1</sup> Os pormenores destes dois projectos encontram-se em, Redsell, Patrick e Fairclough, Jonh, *Living* (1985), *History – A Guide to Reconstructing the Past with Children*, Published by Historic Buildings and Monuments Commission for England.

<sup>2</sup> *História ao Vivo- Propostas de animação cultural segundo a técnica “Living History”* (1986), brochura da Exposição de *História ao Vivo* que ilustrou o colóquio *A Escola vai ao Museu*, organizado pela Associação Portuguesa de Museus, em Faro.

<sup>3</sup> *Nós e os Romanos- Um dia na Vila de Milreu*, (1987), Algarve: Associação Portuguesa de Museologia.

«UMA POPULAÇÃO RURAL», com a participação das crianças de 12 aos 17 anos na celebração da chegada da Primavera em Sta. Bárbara de Nexe no dia 1 de Maio, participando estas no cortejo e confecção de bolos tradicionais.

«FARO, 1573», que se baseia na visita histórica de D. Sebastião ao convento de Faro em 1573: com duas acções simultâneas: uma exterior ao Mosteiro; a outra dentro dos claustros.

«A GASTRONOMIA ALGARVIA», que se refere a fases diferentes da história do Algarve (época romana, islâmica, medieval, século XVI e 1986), participando as crianças na aquisição dos alimentos, na sua preparação com os utensílios adequados e nas diferentes formas de apresentar, servir e comer esses alimentos.

«UM ATAQUE DE CORSÁRIOS AO FUNCHAL»: Recriação do ataque dos corsários ingleses à fortaleza de S. Tiago no Funchal, nos finais do século XVI.

«ACORDAR HISTÓRIA ADORMECIDA»: A reconstituição pormenorizada da sociedade lisboeta do final do século XVIII, nos seus aspectos doméstico, social, político e económico, realizada no ambiente residencial do Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, no mês de Maio de 1987. Foi a primeira experiência piloto realizada.

«O CASTELO DE S. FILIPE DEPOIS DA RECONQUISTA»: Projecto de Setúbal concretizado em Maio de 1988, após mais de um ano de elaboração e preparação e intitulado de *Um dia de 1640 no Castelo de S. Filipe*. Foi recriada a época da Restauração no interior e exterior das muralhas do castelo, aproveitando-se a sua distância da vila para facilitar a inserção no ambiente do século XVII. Alunos e professores das escolas de Setúbal “foram transportados” para um período da história nacional, a Restauração de 1640, para acolher o novo poder restaurado. Os alunos da 4ª classe e dos dois anos do ciclo preparatório foram integradas em dez grupos de actividades diferentes acompanhados cada grupo por um aluno de História do complementar. Na recriação, o enredo permitiu unificar as diferentes acções e actividades, tornando explícitas as relações políticas, sociais e económicas em jogo na época, e no envolvimento de Setúbal no país e no mundo. O dia culminou com um festival de fogo de artifício do alto do castelo<sup>4</sup>.

No mesmo mês do mesmo ano, em Lisboa, na Ribeira das Naus, decorria um outro projecto-« E OUTRA VEZ CONQUISTEMOS A DISTÂNCIA», que recriava a partida da armada de 1537; um herói- Fernão Mendes Pinto, que viajou na nau «Galega», que fazia parte dessa armada, e um local, ou seja, a verdadeira Ribeira das Naus. Neste projecto recriava-se um dia no século XVI que antecedia a partida de uma armada para a Índia. O mar, o estuário do Tejo dava o tom ao ambiente dos descobrimentos. A acção começa com o vestir das crianças, e o toque do sino marca a reunião matinal para a oração. O Provedor da Ribeira e da Telha distribui as tarefas por todas as crianças. Formaram-se 12 grupos de trabalho constituídos por 5 a 10 elementos, integrando os actores que vão orientar as acções desenvolvidas num dia de trabalho do século XVI Destacámos alguns quadros como a presença dos frades e noviços; o Almoxerife que realiza o pagamento aos trabalhadores; o Boticário com as suas ervas para curar as maleitas; da cigana que pede esmola; o Mestre Cosmógrafo que prepara os seus aprendizes para as lides do mar; dos mestres das artes que, com seus ajudantes, procedem ao trabalho de fabrico de velas, redes, calafetagem, pintura...; a venda de especiarias em tendas; o fabrico de biscoitos para as longas viagens dos

---

<sup>4</sup> O Castelo de S. Filipe Depois da Reconquista (1988), brochura da Associação Portuguesa de Museologia.

marinheiros. Por de trás destas actividades desenrola-se um enredo que dá unidade à acção desenvolvida ao longo do dia<sup>5</sup>.

Outro projecto foi desenvolvido no Porto, com a reconstituição de um almoço de D. João I e de D. Filipa, no paço episcopal, onde se alojaram por ocasião da sua visita à cidade. Por comodidade de construção de cenários foi utilizada uma casa do século XX, onde foi recriado um interior medieval.

Também Escolas de Jardim de Infância utilizaram esta técnica em projectos que desenvolveram. A Creche do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge em Lisboa, no ano lectivo de 1990/91, realizou vários projectos, destacando-se a “conquista de Lisboa aos Mouros” realizada no Castelo de S. Jorge”; “ a Inês de Castro”; o “baile Medieval”, em que as crianças apareceram vestidas à época<sup>6</sup>.

A Escola Secundária de Anselmo de Andrade de Almada, no ano lectivo de 1992/93 organizou uma Feira Medieval, reconstituição histórica de 1500, realizada no jardim do Castelo em Almada: com a participação de artesãos a trabalhar ao vivo e a vender os seus produtos e, além destes, suas altezas D. Leonor e D. Manuel I, o Bispo e outros representantes da nobreza e clero. De manhã decorreram os preparativos, depois seguiu-se a refeição – os primeiros a ser servidos foram os reis, a corte e os bispos, que tiveram por banquete leitão e peru; a refeição do povo veio a seguir, com caldo verde, frango e peixe. Durante esta feira estiveram a funcionar diversas tendas como a do tecelão e do escrivão, tendo também sido realizados jogos tradicionais do séc. XVI<sup>7</sup>.

Projectos houve que não foram realizados pelas escolas, mas sim dirigidos às escolas. A Equipa de Intervenção Artística da Delegação Escolar de Queluz e os Serviços Educativos do Palácio de Queluz, em 1990/91, criaram a oficina Histórica Ludo-Expressiva. Para os professores realizaram-se visitas orientadas com animação de personagens como “D. Pedro- percurso de uma vida”. Para as turmas de crianças realizaram-se várias sessões subordinadas à vida no Palácio, recriaram-se personagens e profissões do século XVIII, construíram-se adereços e utilizaram-se trajes da época, alguns feitos com materiais recuperados. Promoveu-se assim a descoberta do passado histórico pelos professores e alunos, e permitiu desenvolver o sentido criativo e estético e, simultaneamente, aproximar a Escola e o Museu. O Palácio transformou-se num espaço vivo e dinâmico, colaborando com os professores e dando-lhes apoio.

Recentemente, em 2000, nos dias 10, 11 e 12 de Março, no 1º Encontro Internacional de Sociedades de Recriação Histórica Medieval, a Ordem da Cavalaria do Sagrado Portugal recriou a vida quotidiana de um Castelo, o de Terena. Participaram mais de quatro dezenas de figurantes vestidos à época (do séc. XI ao século XV em diversas áreas: tais como a do teatro, malabarismo, artesanato e incluindo as lides guerreiras cavaleirescas, entre outras mostras de História ao Vivo. A “Ordem do Sagrado Portugal” pretendeu com estes eventos, não só recriar a História Medieval, como também a divulgação turística e cultural dos espaços, a diversão do público que assiste a esta arte aprendendo de uma forma mais fácil, vivendo assim uma genuína História ao Vivo. Foi feita a exemplificação de lutas ao estilo do século XI ao séc. XV (torneios de combate apeado, a cavalo), os treinos de tiro com arco e flecha que as senhoras faziam nos seus tempos livres, o tempo que demorava um guerreiro a colocar a sua armadura com explicação de cada parte, com os respectivos nomes e função. Os diversos tipos de armas sendo demonstrado o modo como cada uma era utilizada. O

---

<sup>5</sup> Bárcia, Paula (1990), *Manual de História ao Vivo*, Lisboa: Ministério da Educação, Grupo de Trabalho do Ministério de Educação para a comemoração dos Descobrimentos.

<sup>6</sup> Benavente, Ana (Dir.), (1995) *As Inovações nas Escolas- Um roteiro de Projectos*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, p.72.

<sup>7</sup> Idem, p. 145-146.

público pôde aprender tudo sobre esta arte e muito mais, como o teatro, malabarismo, o modo como o povo cozinhava e comia, enfim, a vida de um acampamento medieval dentro das muralhas de um Castelo da Idade Média. O Castelo de Terena, situado no Concelho de Alandroal, foi o escolhido por ser o único que reúne todas as condições para este tipo de eventos, por ser espaçoso e sem grandes modificações. O êxito do 1º Encontro e a divulgação de que foi alvo pelas organizações presentes nos seus países de origem, levou a Ordem da Cavalaria do Sagrado Portugal a realizar o 2º Encontro Internacional de Sociedades de Recriação Histórica Medieval, com o reviver da História Medieval ao vivo, novamente no Castelo de Terena. Nos dias 1 a 3 de Março de 2001 estiveram presentes no Castelo de Terena mais de uma dezena de organizações que se dedicam à revivência da Idade Média oriundas de oito países europeus e americanos, totalizando mais de noventa participantes. A Aliança Medieval Internacional (Internation Medieval Alliance) organização que nasceu no 1º Encontro, tem conhecido um grau de adesão bastante bom, tendo como objectivos: promover junto do público o gosto pela História e o conhecimento da mesma; realçar junto do poder público central e local, da comunidade científica e educacional as potencialidades turísticas da recriação histórica; cativar as pessoas em geral para a prática de passatempo apaixonante, gratificante e comunitariamente útil.

Este Encontro, tal como o 1º para além da animação e dos quadros de História ao vivo, permitiu ao público comprar artesanato medievo e comer uns petiscos bem castelejos. Tratou-se de uma actividade interactiva onde o público pode ver ao vivo, as acções que decorreram no Castelo como conviverem com os elementos de organizações presentes, permitindo uma aprendizagem da História vivenciada<sup>8</sup>.

Outras experiências têm sido desenvolvidas por todo o país, algumas de iniciativa das escolas, outras promovidas por entidades locais, outras em parceria.

## **2- A História ao Vivo como estratégia pedagógica**

Esta técnica mostrou-se particularmente adequada ao ensino da História, que tende a interessar os alunos pelo passado histórico, de forma lúdica e atractiva, permitindo que estes utilizem a imaginação histórica de uma forma realista. Mas, para além disso, as suas variadas potencialidades e a exigência prévia de aprofundar em vários campos tornaram-na um meio privilegiado de implicar toda a Escola num projecto comum multidisciplinar. O envolvimento passa não apenas pelos alunos e professores, envolve toda a comunidade e diversas instituições locais e regionais. Tratando-se esta de uma forma de expressão dramática, mas com certas particularidades, pois através dela se faz a recriação pormenorizada de uma época da História, de preferência ligada a um testemunho do passado, como um edifício, monumento ou sítio histórico, a que se pretende dar vida.

Segundo Paula Bárcia (1990) “História ao Vivo não é um “espectáculo”, porque não há público a assistir: quem quiser ver terá de se integrar na acção, através da representação de uma figura da época, vestindo a rigor e assumindo plenamente este papel com gestos e linguagem apropriados à personagem que representa<sup>9</sup>. Pretende, pois

---

<sup>8</sup> Para mais informações sobre os Encontros e Ordem do Sagrado Portugal consultar o site da Internet: URL:[http:// WWWterena.web.pt/eventos/ocsp.html](http://WWWterena.web.pt/eventos/ocsp.html) ; via email: [medieval@ocsp.pt](mailto:medieval@ocsp.pt)

<sup>9</sup> Maria do Céu Melo no estudo que desenvolveu sobre o drama, refere-se à EXDRA nos seguintes termos: “A EXDRA não se preocupa com transmissão e o aperfeiçoamento de habilidades teatrais,

criar, a partir de um espaço concreto no qual os alunos, professores e público em geral são convidados a entrar e a utilizar sem receio, o ambiente de outro tempo, compreendendo-o pois passam a fazer parte desse ambiente. A “História ao Vivo” recria o tempo curto da história do quotidiano, procurando saber como se vivia o dia-a-dia de uma época, para levar os alunos a aprender e a compreender esse quotidiano. Surge valorizado um tipo de história aliciante para os alunos, e que no ensino actual da história em Portugal ainda está pouco desenvolvido. Esta técnica, visa contribuir também para a divulgação da História do quotidiano, usando para isso alguns contributos da Expressão Dramática na recriação ficcional de uma época, mas mantendo sempre o rigor científico sobre o período histórico representado.

Na recriação da “História ao Vivo” a atribuição dos papéis aos “actores” é feita com base nas condições de desempenho à luz do dia, como também pelas qualidades pedagógicas e capacidades de improvisação dentro do rigor histórico. A preocupação com o rigor histórico é uma constante, sendo necessário uma consulta exaustiva de várias fontes históricas e historiográficas. Um projecto deste tipo não se limita à procura do rigor científico, pressupõe também um trabalho pedagógico prévio de preparação dos alunos envolvidos, levando-os a compreender o que vão fazer, e como o devem fazer, exigindo todo um trabalho de fundo a realizar na sala de aula, bibliotecas, museus, junto dos monumentos, etc. A aprendizagem cooperativa<sup>10</sup> está bem presente nesta primeira etapa, onde diferentes grupos de trabalho são constituídos para recolher a documentação a ser trabalhada. Cada aluno faz parte de um grupo, coordenado por um professor/monitor, de acordo com as tarefas a desempenhar na recriação.

Para a pesquisa histórica um dos recursos essenciais são os museus. Estes são instrumentos indispensáveis na informação, formação e preparação de todas as pessoas envolvidas num projecto destes. As suas colecções são preciosas para o conhecimento da época em estudo. Estes tornam-se meios aliciantes de descoberta de pormenores até aí insuspeitados e carregados de significado, proporcionado por visitas de estudo que se transformam em autênticas aventuras de descoberta do passado.

Também os monumentos e os objectos de Património cultural<sup>11</sup> possibilitam uma experiência concreta, não verbal, directa. O objecto é uma realidade, fonte de significado do passado. Esta técnica permite o contacto com o objecto real, com o objecto histórico. O aluno desenvolve a sua capacidade de observação, percepção, aquisição e compreensão, através dos objectos. Estes tornam-se inteligíveis, úteis, transmitem uma mensagem maior quando deixam de ser simples informações e se tornam vivência concreta respondendo a perguntas : Como? Quando? Porquê?

Esta técnica apesar de ser considerada por Cândida Proença como especialmente vocacionada para alunos do 1º e 2º ciclo (Proença, 1990, p. 146),

---

limitando-se a proporcionar a dimensão da acção à aprendizagem, através da utilização criativa do tempo, do espaço e da pessoa, organizando uma experiência proveitosa do quotidiano vivencial dos alunos, ou selectivamente através de um tópico de estudo” (p. 22) E acrescenta ainda: “O uso da EXDRA, como estratégia activa, proporciona-lhes recursos físicos e concretos para um exame de relações que de outro modo continuariam abstratas e inacessíveis... Num certo sentido, a EXDRA pode ser vista como actividade ficcional, que ajuda a apropriação do real, pois oferece uma abordagem mais contínua dos factos” Melo, M. do Céu (1988), *A Expressão Dramática no ensino-aprendizagem da História*, Tese de Mestrado; Braga: Universidade do Minho, p.24.

<sup>10</sup> A aprendizagem cooperativa utiliza uma estrutura de tarefa que exige que os alunos, organizados em pequenos grupos, trabalhem juntos em tarefas escolares. A aprendizagem cooperativa é única entre os modelos de ensino porque utiliza uma estrutura da tarefa e da recompensa diferentes para promover a aprendizagem do aluno. A estrutura de recompensa valoriza o esforço tanto colectivo como individual. Arends, Richard (1995), *Aprender a Ensinar*, Portugal- Lousã: Editora McGraw-Hill de Portugal, p. 384.

<sup>11</sup> João Nunes (1990) diz-nos que “numa perspectiva didáctica de sensibilização e formação geral, há todo o interesse em manter integradas as problemáticas dos património cultural e ambiental”.

achamos que contribuí para uma forte empatia com a História e consolidação de conteúdos em alunos do Secundário ou até de Escolas Profissionais, cujos cursos destacam na sua componente curricular a importância da História.

Tendo presente os objectivos do ensino da História e as suas preocupações metodológicas, a “História ao Vivo”, desenvolve a imaginação histórica, que funciona como elo imprescindível de ligação entre a consciência do “período” que se estuda e o sentido de mudança através do tempo, promovendo o desenvolvimento das capacidades necessárias à compreensão da História. Este tipo de ensino tem um carácter fortemente motivador, permitindo o ensino experimental, pois trata-se de uma metodologia didáctica que promove uma experiência. Contribui para o desenvolvimento de uma forte componente empática, envolvendo no conhecimento uma forte componente afectiva porque leva os alunos a colocarem-se no papel de pessoas de outra época e outra cultura, aprendendo a respeitar opiniões diferentes e culturas diferentes. Está subjacente a ela a tolerância e a multiculturalidade, atendendo às especificidade de uma região e às tradições que perduram nos nossos dias e outras que aqui são revividas.

Segundo Cândida Proença “é um ensino que desenvolve a imaginação criativa e o pensamento operacional formal, através dos métodos racionais de pesquisa perante uma experiência histórica”. (Proença, 1990, p. 146-147). Permite promover o respeito e compreensão do significado do património histórico.

A “História ao Vivo” procura indicar novos caminhos para revitalizar o estudo da História e das disciplinas afins. A dramatização de uma dada circunstância histórica, num local apropriado, numa data precisa, numa encenação tão próxima quanto possível da realidade passada, onde o aluno é levado a ser participante convicto, agindo e compreendendo «como era» operará nele o salto «para dentro» da História». Ele passa a saber o circunstancial e o geral, porque participou<sup>12</sup>.

### **3- A realização de uma feira Medieval no Lindoso**

A realização de uma feira Medieval no Lindoso pela Escola Profissional dos Arcos de Valdevez teve como preocupação a reconstituição ao vivo de uma época histórica (Idade Média), num espaço apropriado (o Castelo de Lindoso). A presente actividade surge como um momento privilegiado para uma reflexão rigorosa sobre a vida dos homens na época- como se vestiam, o que comiam, o que faziam, como se divertiam, como se relacionavam, o que comercializavam... – permitindo um melhor conhecimento do presente, pelo estudo da herança que o passado nos legou.

Para além deste outros objectivos que estiveram subjacentes a este projecto:

- Promover a abertura da escola à comunidade;
- Sensibilizar a Comunidade Escolar e toda a população da freguesia para a importância das diferentes épocas históricas;
- Mobilizar a escola e a comunidade para a participação em actividades de âmbito recreativo e cultural;
- Recriar uma realidade histórica com o intuito de a fazer perdurar na memória colectiva;
- Compreender o surgimento das feiras como factor importante no estreitar das relações humanas;

---

<sup>12</sup> História a o Vivo- Propostas de Animação Cultural segundo a técnica de “Living History” (1987), Associação Portuguesa de Museologia, p. 6.

- Valorizar a identidade cultural da região;
- Estimular o gosto pela história local;
- Interpretar os acontecimentos actuais como resultado de um processo histórico;

A realização deste projecto esteve a cargo da Escola Profissional do Arcos de Valvedez e do Parque Nacional da Peneda-Gerês, com a colaboração da Câmara Municipal de Ponte da Barca. Esta actividade decorreu no dia 1 de Julho de 2001, iniciando-se às 10 horas, no Castelo de Lindoso, com a abertura da feira. Nela participaram mais de 200 figurantes, constituídos por alunos, professores e funcionários do Parque Natural da Peneda-Gerês. Todos os intervenientes estavam vestidos a rigor, segundo os cânones da época.

Apresentamos em seguida o projecto realizado pela Escola Profissional dos Arcos de Valvedez (EPRALIMA). Este projecto surge na sequência de um outro semelhante realizado no ano anterior, também este no Castelo de Lindoso, com a realização de uma feira medieval. O entusiasmo e o sucesso desta iniciativa junto da comunidade escolar, levou a Escola a promover uma segunda edição, mas melhorando os aspectos menos positivos do ano anterior. A preparação desta actividade envolveu toda a comunidade, e uma organização dinâmica por parte dos professores desta escola. A preocupação com o rigor, levou a uma pesquisa mais rigorosa com fontes documentais da época que foram utilizadas em alguns momentos da feira medieval.

### **3.1 Tema e o local escolhido- Feira medieval no Castelo de Lindoso**

A representação da época passa pela selecção do espaço adequado. Tratando-se da Idade Média, de da recriação de uma feira Medieval, o melhor espaço nesta zona é o Castelo de Lindoso. A fundação de Lindoso é atribuída a D. Dinis, dizendo a lenda que este achando-a muito formosa lhe atribuiu o nome de Lindoso. Esta explicação não passa de lenda, embora muitos a tomem por verdade histórica. O topónimo é já mencionado na delimitação da Sé de Braga, organizada em Lugo, no ano de 569 e o Censoal da Sé de Braga, realizado entre 1085 e 1091, ao referir-se às freguesias que constituíam a então terra da Nóbrega, menciona a freguesia de S. Mamede de Lindoso. D. Manuel, a 5 de Outubro de 1514, por foral elevou Lindoso a Concelho. Este viria ser extinto em 1834. Lindoso possuía 40 fogos em 1527, 300 fogos em 1700 e 210 fogos em 1864. Desta-se nesta freguesia para além do Castelo, os espigueiros dos séculos XVII e XVIII, as ruínas de uma Citânia, no lugar de Cidadelhe, diminutivo de Cividade), onde alguns pretendiam situar a cidade romana de Bretalvão ou Flavia Lambria. As Memórias paroquiais referem-se a Lindoso nestes termos: “(...) Este Concelho he del Rey, tem Juíz ordinário, que he tambem dos orfãos, & dous vereadores, Com procurador poe eleição trienal do povo, e pelouro; confirma-os o corregedor de Viana, hum escrivão, que serve em tudo, data delRey, Alcayde, que apresenta o Alcayde mor. Produz muito pão, milho e centeyo, feijão, castenha, algum linho, bom vinho, muitos gados, mel, cera, muitos lobos, raposas, martas, ginetas, touroens, javalis, corços, cabras bravas, e pesca de bogas e trutas do rio, Lima e Cabril, que nele se mete, muita lenha, e madeiras daquelas matas bravas, em que também se achão frutas montesinhas, pouco conhecidas da mais gente, muitos, e grandes nabos, bons caens rafeiros, a que chamão sabujos, muy animosos contra os lobos, e bichos; carvão de urze, de que soccorrem os ferreiros destes povos.



Fig. 1 Vista panorâmica de Lindoso

Não é possível estabelecer a data precisa da edificação do Castelo de Lindoso, no entanto, em 1258 ele já existia. Situado a quatro quilómetros da fronteira com a Espanha, ergue-se a 468 m de altitude, abrangendo um vasto panorama de montes e serras. A primitiva fortificação era constituída por um quadrilátero, com 80 m em pano de muralha. Sobre a única porta de acesso, no flanco norte, ergue-se a Torre de Menagem, com 15 m de altura. Diz-se que esta torre foi construída por D. Dinis. A esta estrutura medieval acrescentaram-se diversas modificações, tais como a Casa de Benantes, construída nos séculos XVII e XVIII e outrora com peças de artilharia. Pedras diversas com datas históricas gravadas, a Casa do Alcaide, da guarnição e do forno, testemunham a importância deste castelo até à altura em que deixou de ter guarnição, em 1897.

Durante séculos, foram alcaides do Castelo os Araújo, senhores de Torres fronteiriças, em Portugal e Galiza. O primeiro varão conhecido desta família foi Pais Rodrigues de Araújo, senhor de Araújo e primeiro Alcaide de Castro Laboreiro. No decorrer dos séculos XIV, XV e XVI, esteve sempre o edifício sob a alçada dos varões desta família.

Do ponto de vista militar, o Castelo teve a sua fase mais importante durante a restauração. Logo no início da guerra da Independência (1641), foi atacado por tropas Filipinas, comandadas pelo Conde de Santo Estevão, mas conseguiu repelir o ataque o que voltaria a suceder no ano seguinte, quando de novo foi assaltado. Finalmente, em 1662, seria ocupado por nova força de Filipe IV. Por pouco tempo, porém, estaria em poder das tropas Espanholas- o mestre de campo, João Velho Barreto, organizou a sua reconquista e conseguiu, em 1663, recuperar a fortaleza, ocupada nessa altura por 320 soldados espanhóis, com cinco peças de artilharia. Na fase final da guerra, o Castelo seria transformado em fortim. A sua guarnição era, normalmente, de 100 homens, em regra do corpo de infantaria de Valença que se rendiam de dois em dois meses. Como anteriormente referimos, deixou de ter guarnição em 1897, sendo convertido em posto de Guarda Fiscal.

É monumento Nacional, por decreto datado de 16 de Junho de 1910, entregue à guarda do Parque Nacional da Peneda-Gerês.



Esta contextualização histórica do Castelo de Lindoso pareceu-nos importante, não só do ponto de vista histórico, mas também do geográfico, situando-se este numa zona de fronteira entre Portugal e Espanha com a qual manteve relações variadas desde a Idade Média: umas de cooperação, de relações económicas, diplomáticas, outras de carácter mais conflituoso aquando de guerras entre Portugal e Espanha bastante frequentes em toda a Idade Média prolongando-se por outros períodos mais recentes da nossa História.



Fig. 2- Castelo de Lindoso

As feiras foram uma das mais importantes instituições económicas e sociais da Idade Média; consistiam estas num local ou termo determinado, onde se reuniam produtores, consumidores e distribuidores, corrigindo assim a falta de comunicações fáceis e rápidas em territórios tão longínquos e excêntricos como o povoado fronteiro de Lindoso e o seu castelo. A feira medieval que se realizou no dia 1 de Julho de 2001, poder-se-á inserir mais numa fase primária e embrionária dessa actividade mercantil, ainda como pequeno mercado local (sé. XIII-XIV) orbitando em torno da Igreja Paroquial, (sub sino) e do Castelo enquanto representação do poder do Rei e dos seus homens de armas (miles).

A recriação de um feira Medieval no castelo de Lindoso permitiu trazer vida e animação a velhas paredes, que assim voltaram a ser elemento preponderante da paisagem. A recriação do dinamismo económico, cultura, social e religioso operado pelas feiras na Idade Média, é aqui recriado ao pormenor. É feita a recriação de um “ambiente medieval” com todos os actores sociais da época- povo, clero e nobreza-, num espaço de mercado- o recinto muralhado do castelo e sua envolvente-, onde estão representadas as actividades económicas mais relevantes – oleiros, padeiro, cesteiro, ferreiro, tamanqueiro, boticário, tanoeiro, canteiro, cambista, taberneiros, madeireiros. A animação cultural esteve presente ao longo de toda a feira com música medieval, ao som da gaita de foles e da flauta; malabaristas (lançadores de facas, de fogo, bolas), exibição de falcoaria e não podiam faltar os bobos. A presença da Igreja, numa época de forte religiosismo, faz-se através de numerosos frades, monges e freiras que se deslocaram à feira. Para a visita à paróquia de Lindoso e Castelo, é esperado o visitante do arcebispo de Braga e seu séquito de servos e homens de armas a pedir

aposentadoria ao Alcaide. A animação prossegue com o torneio apeado, as provas de tiro com arco: A chegada dos Monteiros do Lindoso e sua matilha prepara a entrada do Alcaide do Castelo, Senhor de Araújo. O dia culminou com a procissão nocturna de archotes. Para a execução desta recriação ao vivo várias etapas foram realizadas.

### 3.2 Preparação da acção

Para se fazer uma acção de “História ao Vivo” é necessário uma pesquisa de histórica prévia, tão aprofundada quanto possível. Os professores da Escola Profissional de Arcos de Valdevez responsáveis por este projecto<sup>13</sup> juntamente com os responsáveis do Parque Nacional da Peneda-Gerês, em particular o Dr. Henrique Regalo organizaram toda a pesquisa documental. Foram cedidos pelo Parque Nacional os documentos originais da época sobre: o Castelo de Lindoso, os limites e prazos antigos do Lindoso (*Limitatio bracarensis diocesis cum terminis et divisionibus suis*); deveres e obrigações do Monteiros de Lindoso como consta das Inquirições de 1258; e ainda a Carta de anúncio e edital ou carta de visitação ou mandabo.

Os alunos, alguns residentes no Lindoso e conhecedores um pouco da História Local do Lindoso e seu Castelo, contribuíram com os seus conhecimentos, colaborando assim com os professores na pesquisa e análise da diversa documentação recolhida.

Várias sessões foram realizadas, ao longo de três meses, umas de sensibilização e outras de formação sobre temas específicos, para os quais foram convidados alguns especialistas: de expressão dramática, alimentação, vestuário. O Dr. Henrique Regalo, do Parque Nacional da Peneda-Gerês esteve ao dispor da Escola tendo sido um verdadeiro “consultor científico”, realizando várias sessões de esclarecimento sobre a região, o Castelo e sua História na época Medieval e sobre a Idade Média em geral, e em particular sobre as feiras medievais. Também foram exigidos filmes sobre a Idade Média, salientando-se “O Nome da Rosa” e documentários em Vídeo sobre a Idade Média e vídeos de outras feiras medievais. A realização da Feira Medieval do ano anterior contribuiu com documentação visual em fotografia e vídeo, ilucidando melhor aqueles alunos que nela não tinham participado. A pesquisa realizou-se também em fontes bibliográficas alusivas ao tema e época retratada. O espólio arqueológico do Castelo analisado pelos alunos permitiu-lhes observar e analisar objectos da época encontrados no Castelo e em escavações arqueológicas da região.

Paralelamente formaram-se actores e monitores (sendo estes professores e funcionários do Parque Nacional da Peneda-Gerês), os quais teriam que dominar a época em todos os aspectos, para que não surjam elementos anacrónicos e acompanhar o seu grupo de trabalho no futuro desempenho dos seus papéis.

Informados os professores e monitores estes têm a missão de a transmitir aos alunos que irão participar na acção e organizar os diferentes grupos. Ao todo participaram cerca de 200 figurantes, todos vestidos à época<sup>14</sup> e divididos pelos seguintes grupos:

- 1- Nobreza- representada pelos monitores e funcionários do Parque Nacional da Peneda-Gerês, num total de 15;

---

<sup>13</sup> Destacaram-se neste projecto a Professora Carla Barbosa (Directora Pedagógica desta Escola) e Arnaldo de Sousa que planificou este projecto no âmbito da profissionalização em serviço realizada na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, integrada na disciplina de Didáctica, leccionada por mim neste ano lectivo.

<sup>14</sup> Os fatos foram alugados na Sra. Olímpia Pinto de Viana do Castelo, que colaborou com o guarda-roupa.

- 2- Alcaide e Filho do Alcaide
- 3- Mordomo e Senhora do Mordomo;
- 4- Arcebispo de Braga (visitador) e escrivão; pagem e criados (2);
- 5- Clero: Cistercenses (5); Beneditinos (5); Monjas (5); crianças dolmáticas (2);
- 6- Monteiros Verdes (3);
- 7- Taberneiro e sua mulher e taberneira (3);
- 8- Soldados: Soldados Brancos (10); Soldados azuis (4); soldados vermelhos (5);
- 9- Bobos (5);
- 10- Armeiro; Falcoeiro e ajudante;
- 11- Malabaristas (4);
- 12- Cavaleiros (Membros da Ordem do Sagrado Portugal) – total de 6;;
- 13- Músicos- 2;
- 14- Flautistas (grupo de alunos da Escola de Vila Praia de Âncora e respectivo professor de Música)- 20
- 15- Excluídos da Sociedade da época: Leproso (1); Cego (1); Pedintes (4); Ciganas (3);
- 16- Pobres (17);
- 17- Camponesas (19);
- 18- Vendedores: boticárias (2); vendedora de mel (1); vendedoras de tecidos (2); distribuição de doces (2);
- 19- Artesãos: Oleiro e sua esposa; tamanqueiro e sua esposa; cesteiro; madeiros (2);

A par da preparação realizada na Escola, contributos importantes foram dados por artesãos locais da região, que com a sua arte e saber muito contribuíram para divulgar técnicas artesanais que remontam à Idade Média. A experiência de recriações ao vivo da Ordem do Sagrado Portugal, que já contam com dois Encontros Internacionais de Sociedades de Recriação Histórica Medieval, dando realismo às lutas e torneios apeados, a malabaristas e músicos tocando gaita de foles e flauta, deu o seu grande contributo na animação e realismo à feira medieval.

Na preparação da acção, os alunos da Escola, tiveram que criar as personagens que vão enquadrar a acção. É necessário que estes actores interiorizem bem o seu papel. No entanto, não é necessário “decorar” texto, apenas assimilar o espírito da época, o modo de falar, as expressões, os gestos e atitudes... . Com base nas informações transmitidas pelos professores, monitores e técnicos, sobre o modo de vida da época e descrição de cada figurante, o actor/aluno compõe , na altura, o diálogo mais adequado ao seu interlocutor, que pode ser um aluno, como um visitante, como outro actor. A possibilidade de improvisação é sempre grande e, para que resulte, é necessário que a informação de base seja consistente. Os monitores, professores e especialistas que orientam os alunos e restantes participantes na acção têm toda a vantagem em receber indicações bem organizadas, pois isso vai-lhes permitir estabelecer uma conversa com os seus operários e aprendizes, melhorando a acção e desempenho destes.

Para que a recriação seja convenientemente realizada e surta o efeito desejado, ou seja a reprodução integral de uma feira medieval no Lindoso é necessário estabelecer um programa e escrever um guião de acção, envolvendo acontecimentos da época, criando um fio de drama que torne o dia entusiasmante e organizando as actividades de modo a não haver falhas. Assim, todos sabem exactamente o que os espera e como actuar. A diversidade de actores e papéis desempenhados faz com que os alunos passem por vivências e experiências diferentes ao longo do dia . Esta diversidade será motivo de

enriquecimento dos debates posteriores à acção, pois cada um teve uma vivência própria e muito particular. Da troca dessas experiências e conhecimentos poderá surgir uma visão bastante mais completa tanto do dia da acção como da época em estudo.

Em todo o cenário teve-se a preocupação de o apresentar o mais fiel possível à época, utilizando materiais, objectos e artefactos que se usavam na época: tendas de madeira com toldes em pano cru; fardos de palha, bancas em madeira, sacos de estopa; potes de ferro; forja do ferreiro e ferraduras, mantas e panos de linho e lã, objectos de barro (bilhas, cântaros, vasos, luminárias ...), tamancos, cestos, etc.

Houve uma grande preocupação com a roupa, não só para os alunos, mas também para os mestres, actores, monitores e artesãos locais, não sendo descorada também a indumentária para os visitantes. Para estes últimos foram confeccionadas mais de 500 capas de pano com tons naturais aproximados aos da época (verdes, castanhos), pois estes só poderão entrar no recinto da acção vestidos e dispostos a integrar-se numa actividade.

A refeição, foi um dos aspectos previamente preparada. A confecção do caldo de couves com castanhas e toucinho, o pão de centeio, os enchidos, as azeitonas, as frutas fizeram parte da ementa. Para a noite estava preparado assar no espeto um porco, que seria dado a comer aos figurantes e público. A distribuição da água far-se-á em copos de barro a partir de bilhas de água. Foram preparadas tasquinhas para que os visitantes pudessem petiscar.

### **3.3 Programa da Feira Medieval de Lindoso**

10h00 - Abertura da Feira Medieval

Recriação de um “ambiente” medieval com todos os actores sociais da época- povo, clero e nobreza -, num espaço de mercado – o recinto muralhado do castelo e sua envolvente-, onde estarão representadas as actividades económicas mais relevantes – oleiro, padeiro, cesteiro, ferreiro, tamanqueiro, boticário, tanoeiro, canteiro, cambista, taberneiros, etc.

16h00 - Exibição de Falcoaria- Jean Yves Blott

16h30 – Visitação à paróquia de Lindoso e castelo. Chegada do visitador do arcebispado de Braga e seu séquito de servos e homens de armas a pedir aposentadoria ao alcaide. Leitura dos limites e prazos antigos do Lindoso.

17h00- Torneio apeado/Justa entre as gentes do alcaide Araújo do Lindoso contra fidalgos, parentes da galiza, com a presença de todo o povo, clero – visitador e comitiva e frades beneditinos do mosteiro de Ermelo-, e todas as damas, infanções e demais parentela.

18h00- Provas de tiro com arco.

19h00 Monteiros do Lindoso e sua matilha. O alcaide do castelo, Senhor de Araújo, vai ler aos Monteiros de Lindoso, os seus deveres e suas obrigações como consta das inquirições de 1258.

22h00 Procissão nocturna de archotes. Deixando o castelo acompanhado por numerosa comitiva de servos, frades e homens de armas, o jovem cavaleiro, filho do Senhor do Lindoso, há-de dirigir-se entre alas de archotes até à igreja a fim de iniciar a sua sacra velada de armas.

22h30 –Encerramento.

### **3.4 Procedimentos e encenação**

Mercado- cerca de 80 figurantes, representando os diversos mesteres.

1º Momento- exibição de falcoaria, com o falcoeiro e seu ajudante. A exibição será feita junto à torre.

2º Momento- Visitação pastoral do Arcebispado de Braga<sup>15</sup>.

Personagens da comitiva- Visitador (Arcebispo) e escrivão com o livro da devassa (ambos a cavalo); pagem, 2 criados, 2 a 4 guardas. Serão ainda acompanhados por um grupo de monges beneditinos do Mosteiro de Ermelo.

Percurso de chegada- Há-de delocar-se esta pequena comitiva a partir de um local (a combinar) a Sul da aldeia de Lindoso, atravessando-a em direcção à igreja, onde se lhe juntarão o pároco, o Juiz e duas crianças paramentadas. Seguidamente dirigir-se-á este grupo ao castelo, passando junto ao cruzeiro e subindo em direcção ao cemitério. Nesse local, estará o grupo dos miles, nobres e parentela, a receber o reverendíssimo cortejo. Após os cumprimentos formais (todos os de posição social elevada, beijam o anel do visitador com um joelho no chão), o séquito irá dirigir-se para os portões do castelo, franqueando-os com dignidade, - os homens de armas á frente afastando com rudeza a multidão -, passando através do povo no pátio e no mercado e subindo à torre pela escada pétreo do ardave. Os religiosos sempre na dianteira com a cruz bem erguida. Depois de breve entrada da comitiva na torre (5m), todos surgirão no balcão/estrado de madeira e a partir daí, e depois de uma benção, o escrivão em nome do visitador lerá um documento dos limites antigos do Lindoso (Liber Fidei 552), lerá ainda o anúncio do mandado da visitação com uma breve relação do inquérito que supostamente acontecerá no dia seguinte, explicando que só nessa altura se procederá ás cerimónias litúrgicas e rituais de recepção e de inspecção na igreja. o visitador agradece ao senhor do Lindoso a hospitalidade e predispõe-se a assistir aos torneios e outros acontecimentos festivos do dia, procissão nocturna incluída. Posto isto, termina o momento.

3º Momento – Torneio apeado e tiro ao alvo

---

Personagens- Fidalgos e parentelas (Ordem da Cavalaria do Sagrado Portugal-Setúbal) que irão lutar num terreno contíguo á muralha Este do Castelo, num recinto quadrado com 7x7 m inserido num quadrado maior de 10x10 m. Alguns miles do castelo poderão ser destacados para defender e manter a ordem no perímetro onde entretanto o povo curioso se irá acumulando. Convirá não deixar o castelo e o mercado desguarnecido, e os senhores do Lindoso e dignatários religiosos acompanharão a evolução dos combatentes dos alto das muralhas, como convém. Todos os outros personagens e visitantes, circularão livremente á volta do quadrado da Justa sempre enquadrados pelos homens de armas.

Próximo do quadrado, será mantido um corredor que permita a exibição dos archeiros em segurança.

#### 4º Momento- Monteiros mores do Lindoso.

Personagens envolvidas- 3 caçadores de verde com uma matilha de cães entrarão intempestosamente no recinto dos castelo. Os cães á solta farão muito ruído e confusão. Seguidamente, o monteiro mais velho, destacando-se subirá as escadas em direcção ao palanque/estrado e aí será o alcaide a ler-lhe e a todo o povo presente no pátio do castelo, em voz potente e sonora, os direitos e deveres dos monteiros mores do Lindoso (em latim macarrónico), conforme o texto das Inquirições de 1258. Após a leitura, o monteiro despede-se com vénia a todos e descendo a escada do adarve, conduz os seus homens e cães para fora do castelo, onde poderão voltar mais tarde sem a matilha.

#### 5º Momento- procissão nocturna de investidura

Personagens envolvidas- Todos. Povo, servos, lavradores e burgueses como assistentes ou em massa fechando o cortejo. Nobres, guerreiros e clero, monges incluídos, integrarão o séquito que acompanhará o jovem castelão através da aldeia do Lindoso. Á cabeça do cortejo, duas filas de homens de armas portando archotes, depois os dignatários a enquadrar o jovem cavaleiro e, finalmente, rodeados por duas filas de monges com velas, o clero debaixo do pátio. A encerrar os guardas pessoais do arcebispo e a multidão atrás.

Local- O cortejo deverá, preferencialmente, descrever um percurso circular saindo do castelo para lá voltar após atravessar a aldeia. Assim, há-de formar-se a procissão junto à ponte levadiça segundo a ordem acima indicada, inflectindo para a esquerda através do caminho que passa junto á cabina de electricidade e junto aos espigueiros. Aí passará ao centro do povoado descrevendo um círculo que levará todos a passar em frente á igreja, depois ao cruzeiro, subindo em seguida a estrada para o cemitério e finalmente terminando de novo na porta de armas do castelo. É de prever dois tambores para marcar a cadência sóbria, lenta e primitiva. O Castelo estará completamente iluminado com velas, luminárias e archotes. E com esta imagem dar-se-á por encerrado o dia.

Para este projecto o orçamento previsto foi o seguinte<sup>16</sup>:

---

<sup>16</sup> Soubemos posteriormente que as despesas ultrapassaram o orçamento previsto, rondado estas em 3.000.000\$00. Este projecto foi financiado principalmente pelo Parque Nacional da Peneda-Gerês, tendo

Vestuário e adereços-----	1.100.000\$00
Ordem da Cavalaria do Sagrado Portugal -----	600.000\$00
Consumíveis-----	100.000\$00
Transportes-----	100.000\$00
Alimentação-----	150.000\$00
Total-----	2.050.000\$00

### 3.5 A acção- o dia da feira medieval no Castelo de Lindoso

O dia anterior à feira foi preenchido com os preparativos do cenário: colocação da tendas construídas em madeira e com toldes de pano cru; construir o palanque; os estábulos para os cavalos; a colocação de fardos de palha; construir tasquinhas; bancas; forjas; forno para cozer o pão... enfim um sem número de pormenores que recriam o ambiente até ao mínimo detalhe.

A acção propriamente dita começa com o vestir dos alunos e participantes. Foram alertados para que nesse dia não levassem relógio, bijuteria, nem jóias, nem ganchos ou qualquer tipo de ornamentação, incluindo pinturas. A naturalidade das personagens deve ser respeitada o mais fiel possível. Para evitar os mais esquecidos das advertências recomendadas não faltou uma “censura” que inspeccionava o rigor dos trajes e dos adereços respectivos. Esta actividade começou muito cedo, pois às 10h00 a Feira estava já aberta ao público participando este nas actividades artesanais e comerciais. Os alunos e professores saem vestidos e entram na História. O primeiro contacto visual com o local é importante, por isso é fundamental que, de véspera, tudo tenha ficado arrumado, limpo e em ordem. Cada aluno, personagem deve saber rigorosamente o seu papel, pois foram realizados vários ensaios anteriormente.

A animação, o barulho e cheiros que pairavam no ar, dão a sensação de estarmos em plena Idade Média. Os pregões das feirantes não se deixaram de ouvir: - Venham comprar os meus biscoitos; Quem quer mel e azeite da região? Compre freguesa. O cheiro das ervas aromáticas e medicinais perfumava o ambiente, mas o odor característico da época estava presente no curral do porco, no estábulo dos cavalos, nas galinhas que passeavam com os pintainhos. O calor do dia, fazia-se sentir logo de manhã, não faltando a distribuição de água fresca da bilha, vendida e por vezes oferecida pelas lindas moças camponesas.



Fig. 3- Mendiga e camponesas oferecendo água.



Fig. 4- O oleiro

Os artesãos labutavam nos seus ofícios: o oleiro na sua roda trabalhava o barro e ensinava a técnica a todos os interessados; o tamanqueiro fabricava os tamancos, sendo grande a variedade destes em feição e tamanho, para atender ao gosto do freguês; os cestos da região, de vários formatos e com várias utilidades, tornaram-se objectos de grande interesse; as mulheres do campo trabalhavam o linho, ensinando a arte e técnica desde o trabalho da planta (espadelar) até à produção do fio (roca e fuso); o trabalho de cantaria foi demonstrado, assim como o corte de lenha; outras actividades puderam ser



vistas nesta recriação, como a confecção de alimentos: a sopa e o fabrico do pão, desde o amassar até à cozedura no forno a lenha.



Fig. 5- A preparação do almoço

Nas horas de maior calor os figurantes aproveitaram para fazerem uma pausa para o almoço e descansar um pouco. A sopa de couve penca com castanha e toucinho, o pão de centeio, o vinho caseiro (para os adultos), os enchidos e a fruta, foram alguns alimentos consumidos durante o almoço pelos figurantes e público em geral. As sombras e o interior do edifício de pedra foram poucas para tanta gente, pois o calor era intenso, chegando mesmo até aos 36° nesse dia.



Fig. 6- A exibição de Falcoaria

À tarde viria a maior animação, com a exibição de falcoaria, belo espectáculo com a ave de rapina que fascinou todo o público. A música foi uma constante. A gaita

de foles e flauta não se cansaram de nos deleitar com belas músicas medievais. O espectáculo animou ainda mais com a exibição das habilidades dos malabaristas.



Fig. 7 – Músicos



Fig. 8- Malabaristas

A chegada do Arcebispo de Braga foi esperada com ansiedade, assim como todo o séquito que o acompanhou até à zona onde o esperava o grupo de miles, nobres e parentela. Assistiram a este cerimonial todos os que se deslocaram para o virem receber. A comitiva seguiu em direcção à torre, onde se apresentaram ao povo no balcão/estrado de madeira.



Fig. 9- A nobreza e parentela no estrado/palanque de madeira

Prosseguiu-se com a leitura de um documento sobre os limites antigos do Lindoso e do anúncio do mandado da visitação com uma breve relação do inquérito que supostamente a realizar no dia seguinte. Um dos pontos altos do dia foi o do torneio apeado e tiro ao alvo. O esplendor das armaduras e os duros golpes travados pelos cavaleiros entusiasmou o público. O rigor das vestes militares e das armas, da Ordem da Cavalaria do Sagrado Portugal, contribuíram para a revivescência da Idade Média. Os nobres guerreiros estavam equipados da cabeça aos pés: o elmo (cinzelado); a «jaqueta» acolchoada feita de aplicações de lona; o Gibão de lona ajustado ao corpo; a cota de malha que protege o corpo dos golpes de espadas; protecção das mãos pelas manoplas de meia lua e na parte interior era usada uma meia luva de pele de ovelha; nos pés botas de couro; e não podemos esquecer a espada e o escudo, armas indispensáveis no combate assim como as lanças. O combate corpo a corpo era uma luta marcial medieval, tendo-se observado várias técnicas de combate da época. O treino e a habilidade dos archeiros culminou este espectáculo de artes marciais da Idade Média.



Fig. 10- Torneio apeado

De volta ao Castelo, os Monteiros do Lindoso entram intempestivamente no recinto do castelo com a sua matilha de cães ruidosa, causando grande confusão. O alcaide, com voz potente e sonora lê um documento sobre os direitos e deveres dos monteiros mores do Lindoso.

A feira terminou com a procissão nocturna, participando todos nela: nobres, guerreiros, monges incluídos no séquito que acompanhou o jovem castelão através da aldeia do Lindoso. A encerrar o cortejo os guardas pessoais do Arcebispo e atrás a multidão. A acompanhar o cortejo dois tambores marcaram uma cadência sóbria, lenta e primitiva. O castelo completamente iluminado apenas pelos archotes, faz-nos transcender totalmente para a Idade Média, e para finalizar o som das flautas ecoam por todo o recinto, com belas melodias medievais.

E assim termina este dia Medieval, onde o cansaço e o esgotamento estão estampados nos rostos dos participantes, mas acima de tudo satisfeitos e recompensados pelo sucesso desta iniciativa, que lhes permitiu vivenciar uma experiência única e contribuir para dar a conhecer um pouco da história local do passado medieval a todos que a ela se quiseram juntar.

### 3.6 A avaliação da acção

Depois de passado o dia da acção, reflectiu-se sobre o que se passou: o que cada um sentiu, cheirou, comeu, trabalhou, experimentou, viu. As vivências foram muito

diversificadas de acordo com as actividades desenvolvidas. A troca dessas experiências tornou-se bastante enriquecedora para os alunos, que ao vestirem a pele de uma personagem da época, assumiram-na integralmente: o cego não deixou de pedir passagem e esmola por onde andasse; o leproso queixava-se da moléstia e da desgraça em que se encontrava pedindo ajuda e esmola; as ciganas ofereciam-se para ler a sina, prevendo o futuro em troca de uma moeda; os soldados não abandonaram os seus postos de vigia; os membros da nobreza mantiveram-se na sua pose altiva; os feirantes dinamizaram a actividade comercial na feira; os combatentes/guerreiros degladiaram-se em torneios; e o próprio clero, abundantemente representado por frades, monges e freiras exprimem a forte religiosidade da época, assim como a postura do Arcebispo de Braga.

Houve também quem se queixasse, de dor de pés provocada pelo peso irregular do chão para pés não habituados a andar descalços, do calor sentido, das poucas esmolas que conseguiram obter e da dureza de algumas actividades que tiveram de realizar, assim como do incómodo de algumas vestimentas da época. Desse conjunto de vivências chega-se a uma ideia muito completa do que foi a acção e, portanto do que era a vida noutros tempos.

Dessas discussões, muitas foram traduzidas em textos realizadas em trabalhos de grupo, e para o Jornal da Escola. A actividade integra-se na avaliação final do ano lectivo. É o culminar de todo um trabalho desenvolvido ao longo de meses. Os alunos sentem-se também por isso avaliados pelo esforço e empenho demonstrado ao longo deste tempo.

Para os professores, este desafio a que eles próprios se propuseram realizar, é revelador do dinamismo e do trabalho desenvolvido ao longo do ano nas actividades lectivas e extracurriculares que desenvolveram com os alunos: Viram aqui expressa a formação dada aos alunos, o que lhes transmitiram, e a forma como estes os foram capazes de os pôr em prática, assim como a assimilação e aplicação dos conteúdos leccionados sobre a época.

Para os organizadores destas acções, a realização de relatórios é de extrema importância, quer de professores e alunos, pois permitem emendar os erros cometidos, adaptar melhor a acção aos interesses e capacidades dos intervenientes e reforçar o que esteve bem. Foi o que aconteceu em relação à edição do ano passado, esta superou-a largamente. Permite-lhes também ver a acção através dos olhos dos alunos, o que ajuda a afinar os conceitos pedagógicos subjacentes a toda a actividade.

O registo da acção feito tanto em vídeo como em fotografia, para recordar bons momentos, permite perpetuar no futuro a recordação de uma experiência vivida. Como nos diz Paula Bárcia (1990), depois de passados os sustos, o cansaço e as preocupações, é reconfortante recordar reacções, atitudes, acontecimentos imprevistos. E se um ou dois anos mais tarde encontramos alunos que participaram e que nos dizem que foi a melhor recordação que trouxeram do ensino, isso compensa todas as dificuldades sentidas.

## Conclusão

Não pretendemos com este trabalho menosprezar as teorias behavioristas e os métodos por eles utilizados, mas defendemos que no processo aprendizagem o aluno deverá ter um papel activo. Os alunos necessitam desenvolver uma imaginação histórica disciplinada, para, ao utilizarem os conhecimentos adquiridos poderem entender as atitudes e sentimentos de outros noutras épocas. O rigor e a pesquisa estão integrados em métodos activos como o da dramatização, representação ou reconstituição (História a o Vivo). A necessidade de conhecer a época retratada ou o acontecimento a reconstituir, promove uma necessidade de pesquisa do saber histórico, que será vivenciado pelos alunos e professores.

Com uma orientação cuidadosa é possível levar os alunos a criar um mundo imaginado no qual irão habitar e aprender. “Compreendendo o passado ficarão mais dentro do presente, avaliando os sentimentos e atitudes dos outros, trabalhando em conjunto, partilhando, discutindo e desenvolvendo ideias numa atitude de cooperação<sup>17</sup>”. A aprendizagem experiencial<sup>18</sup>, também aqui é desenvolvida, onde a experiência vivida através da recriação histórica de uma feira medieval, contribui para a aprendizagem dos alunos acerca de um período da História. Trata-se de uma aprendizagem activa que organiza e assimila a experiência através da interacção com o ambiente, ajudando a desenvolver o pensamento lógico e diversas competências. Nela é posta em prática a aprendizagem cooperativa, promovendo o desempenho do aluno em tarefas escolares em grupo (nomeadamente de pesquisa, recolha e análise de documentos da Idade Média numa fase inicial de preparação da Feira Medieval- neste caso), mas também o facto dos alunos aprenderem competências sociais de cooperação e colaboração. Parafraseando Arends “estas competências são importantes na sociedade, já que muito do trabalho adulto é realizado em organizações amplas e interdependentes e as comunidades estão a tornar-se mais globais na sua orientação” (Arends, 1995, p. 372)

Esta metodologia vai de encontro às necessidades da gestão flexível de currículo, que segundo M. do Céu Roldão (1999), vê o currículo não como um conjunto de saberes estáticos que a escola transmite, para passar a ser “ um campo crítico da aquisição dos saberes e das competências para aprender” (Roldão, 1999, p. 17.). Para Diniz (1992) “o *currículum* pode inserir-se no meio e é esse no fundo o trabalho do professor na sua prática concreta de transmissão de conhecimentos, comportamentos e de modos de ver o real nas vertentes cognitivas, comportamentais e afectivas do processo educativo” (Diniz, 1992, p.31).

A História ao Vivo permite desenvolver um conjunto de competências, permitindo que os alunos adquiram o “o bom conhecimento”, que segundo Noémia Félix (2001) é o conhecimento em acção, ou seja o conjunto de conhecimentos (conceptuais, procedimentais e atitudinais) que vão possibilitar ao indivíduo agir de acordo com as situações, que irá orientar o indivíduo ao longo da sua vida. É uma espécie de alfabetização ao nível do saber, do saber-fazer, do saber-ser e do saber-estar (Félix, 2001, p. 26). Estes projectos de História ao Vivo podem ser implementados em qualquer nível de escolaridade, assim como em diferentes tipos de ensino. A experiência aqui apresentada foi realizada por uma Escola Profissional, que têm um currículo específico de acordo com os cursos aí ministrados. Um desses Cursos é o de Turismo,

---

<sup>17</sup> Idem, p. 24.

<sup>18</sup> Sobre a aprendizagem experiencial veja-se: Arends, Richard I., *Aprender a Ensinar* (1995), Portugal-Lousã: Editora MacGraw-Hill de Portugal, p. 367.

onde a componente histórica aí é bem marcante, principalmente a história local. O envolvimento da comunidade e de entidades locais revelam a abertura da Escola e do ensino. Cada vez mais, a relação escola–meio deve ser promovida, pois só assim poderemos formar cidadãos activos, responsáveis, críticos e dinâmicos.

## BIBLIOGRAFIA

- Amaro, António Rafael (1990), O ensino da História ao encontro dos grandes objectivos educacionais. *O Professor*, Lisboa, 3ª série, 3, Março, 33-41.
- Benavente, Ana (Dir.) (1995), As Inovações nas Escolas- Um roteiro de projectos, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Bárcia, Paula (1990), *Manual de História ao Vivo*, Lisboa: Ministério da Educação (Grupo de trabalho para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses).
- Chapman, Tim (1996), Reconstructing Castles in the Classroom. *Teaching History*, 83, April, 27-29.
- Cull, Terry (1996), Historical Time Path- Denton Park Middle School, 1994. *Teaching History*, 85, October, 28-36.
- Diniz, Aires Antunes (1992), Etnografia e a tarefa de ensinar. *O Professor*, Lisboa, 29, Nov./Dez., 3ª série, 22-32.
- Dawson, Ian (1996), Standards of Living in the Middle Ages. *Teaching History*, 82, Jan., 27-30.
- Félix, Noémia (2001), Saberes e Competências essenciais no Ensino da História, in *Competências essenciais do Ensino Básico*, Cadernos do CRIAP, Lisboa: Asa Editores, pp. 25-31.
- Filipe, Ana Cristina e Lisboa, João Luís (1990), Dois anos de codocência em cultura portuguesa. *Ler Educação*, Beja, 1, Jan.-Fev., 85-89.
- Goalen, Paul (1996), The Development of Children's Historical Thinking Through Drama. *Teaching History*, 83, April, 19-23.
- História ao Vivo- Propostas de Animação Cultural segundo a técnica "Living History"* (1986), Exposição de História ao Vivo, Faro: Associação Portuguesa de Museologia.
- Lopes, Maria Virgílio Cambraia (1999), *Texto e criação Teatral na Escola*, Lisboa: Cadernos Pedagógicos, Edições Asa.
- Langley, Andrew (1999), *A Vida na Idade Média*, Enciclopédia Visual, Lisboa: Editorial Verbo.
- Manique, António Pedro e Proença, Maria Cândida (1994), *Didáctica da História- Património e História Local*, Lisboa: Texto Editora.



- MacAleavy, Tony (1998), *Life in a Medieval Castle*, Englang: Englang Heritage, Catekeeper Series.
- Meden, Maryellen (1999), Classroom Sucess Stories: History Comes Alive in the Classroom. *The Social Studies*, Vol. 90, nº 5, Sep/Oct., 237-238.
- Melo, Maria do Céu (1988), *A Expressão Dramática no ensino-aprendizagem de História- Uma estratégia para o 3º ciclo do Ensino Básico e para o Ensino Secundário*, Tese de Mestrado, Braga: Universidade do Minho.
- Morris, Ronald V. (2001), Drama and Authentic Assessment in a Social Studies Classroom. *The Social Studies*, vol. 92, nº 1, Jan./Fev., 41-44.
- Neves, Manuela Martins (1990), AHistória da arte e o ensino da história. *O Professor*, Lisboa, 3ª série, 1 Jan., 10-18.
- Nós e os Romanos- Um dia na vila romana de Milreu (1986), Exposição de História ao Vivo, Faro: Associação Portuguesa de Museologia.
- Nunes, João P. Avelãs (1990), Património cultural e ensino da história: algumas questões introdutórias. *O Professor*, Lisboa, 3ª série, 1 Jan, 3-9.
- O Castelo de S. Filipe depois da Reconquista (1986), Exposição História ao Vivo, Faro: Associação Portuguesa de Museologia.
- Olwell, Russell (1999), Use Narrative to Teach Middle School Students about Reconstruction, 205-208.
- Proença, Maria Cândida (1990), *Ensinar/Aprender História- questões de didáctica aplicada*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Racinet, Albert (1994), *Enciclopédia Histórica do Traje*, Lisboa: Editora Replicação, Lda.
- Redsell, Patrick e Fairclough (1985), *Living the past With Children*, England: Historic Building and Monuments Commission for England.
- Seabra, Jorge (1990), A História local como estratégia de ensino/aprendizagem. *O Professor*, Lisboa, 2 Fev., 3ª série, 3-16.